

PRÁTICAS DE LINGUAGEM, IDENTIDADES E LUSOFONIA: EXPERIÊNCIAS COM APRENDIZAGEM BASEADA EM PROJETOS E SALA DE AULA INVERTIDA

LANGUAGE PRACTICES, IDENTITIES, AND LUSOPHONY:
EXPERIENCES WITH PROJECT-BASED LEARNING
AND FLIPPED CLASSROOM

João Paulo Hergesel Nome

Doutor em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo/Brasil).
Professor do PPG em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas (Campinas/Brasil).
E-mail: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br

Ana Luiza Bruzadelli de Souza

Estudante da Licenciatura em Letras: Português/Inglês da PUC-Campinas (Campinas/Brasil).
E-mail: analubruzadelli@gmail.com

Marina Bernardino Rezende

Estudante da Licenciatura em Letras: Português/Inglês da PUC-Campinas (Campinas/Brasil).
E-mail: marinarezende150904@gmail.com

Taís Siqueira Secco

Estudante do Bacharelado em Letras: Português/Inglês da PUC-Campinas (Campinas/Brasil).
E-mail: taissecco1515@gmail.com

Valentina Morita Fukuoka

Estudante do Bacharelado em Letras: Português/Inglês da PUC-Campinas (Campinas/Brasil).
E-mail: tinamoritaf@gmail.com

Recebido em: 4 de maio de 2024

Aprovado em: 14 de julho de 2024

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 21 | n. 2 | p. 95-120 | jul./dez. 2024

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2.3824>

RESUMO

Este estudo parte da noção da importância da língua como elemento caro à identidade cultural, trazendo como foco o contexto da lusofonia. Ao detalhar uma atividade realizada na Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, este trabalho, estruturado no gênero relato de experiência, descreve como estudantes investigaram as características de cada território lusófono e a instauração da língua portuguesa nesses lugares, promovendo um intercâmbio cultural e reflexões sobre identidades linguísticas. Utilizando metodologias ativas como aprendizagem baseada em projetos e sala de aula invertida, os alunos exploraram a diversidade cultural, histórica e linguística dos países lusófonos, oferecendo uma visão mais profunda e apreciativa da lusofonia. Como corpo teórico, foram acionados os estudos de Ribeiro, Pacheco e Machado (2023), Pimenta, Ribeiro e Moreira (2023) e Conte (2008), agregados a outros autores. Em síntese, as apresentações forneceram um intercâmbio pelas terras lusófonas em forma de narrativa verbo-visual, proporcionando uma compreensão apreciativa da diversidade cultural, linguística e histórica dos países lusófonos, reforçando a importância do diálogo intercultural e da cooperação global.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Lusofonia. Metodologias de ensino.

ABSTRACT

This study stems from the notion of the importance of language as a cherished element of cultural identity, focusing on the context of Lusophony. By detailing an activity carried out at the Faculty of Letters of the Pontifical Catholic University of Campinas, this work, structured in the genre of experience report, describes how students investigated the characteristics of each Lusophone territory and the establishment of the Portuguese language in these places, promoting cultural exchange and reflections on linguistic identities. Using active methodologies such as project-based learning and flipped classroom, students explored the cultural, historical, and linguistic diversity of Lusophone countries, offering a deeper and more appreciative view of Lusophony. As theoretical framework, studies by Ribeiro, Pacheco, and Machado (2023), Pimenta, Ribeiro, and Moreira (2023), and Conte (2008) were employed, along with other authors. In summary, the presentations provided an exchange through Lusophone lands in a verb-visual narrative form, offering an appreciative understanding of the cultural, linguistic, and historical diversity of Lusophone countries, reinforcing the importance of intercultural dialogue and global cooperation.

Keywords: Portuguese Language. Lusophony. Teaching methodologies.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Ribeiro, Pacheco e Machado (2023, p. 1), “a língua é a mais importante característica da identidade cultural de um povo”. Os autores, ao explorarem o processo de mestiçagem linguística no falar brasileiro, exploram a influência das culturas africana, indígena e europeia na formação do português falado no Brasil e, por extensão, na identidade brasileira, destacando que a língua é viva e em constante transformação, resultado da fusão de múltiplas influências ao longo da história.

Considerando a Língua Portuguesa como elemento de identidade, podemos pensar na noção de lusofonia, ou seja, o conjunto de países e regiões onde o português é o idioma oficial. Originando-se do termo Lusitânia, antigo nome dado à região que hoje compreende Portugal, a lusofonia abrange nove nações – Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor-Leste, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial e São Tomé e Príncipe – e regiões administrativas como Macau. Em outras palavras, embora tenha se originado em Portugal, a Língua Portuguesa não deve ser restrita ao modo europeu de se expressar, nem esse modo deve ser considerado superior aos utilizados nos demais territórios.

Ao discutir a presença do racismo em Portugal e tentar entender seus motivos, Pimenta, Ribeiro e Moreira (2023) argumentam que se faz necessário revisitar o período colonial, que foi marcado por políticas que promoviam a “superioridade branca” e tinham um forte componente propagandístico. Para isso, os autores analisam documentos da 2.^a República Portuguesa (1926–1974), incluindo narrativas coloniais, textos de viagens e escritos políticos, que ajudam a entender como o pensamento colonial influenciou a representação cultural e perpetuou preconceitos.

Por exemplo, ao examinar as representações culturais de Angola e Moçambique durante o período colonial português, principalmente pelas narrativas escritas por portugueses entre o final do século XIX e meados do século XX, os autores mostram que essas narrativas, registradas por viajantes e colonos, ajudam a mapear como o império colonial português foi representado e como o pensamento colonial pode ser desconstruído (Pimenta; Ribeiro; Moreira, 2023). Em síntese, as produções dessa época refletem a visão paternalista e superior dos colonizadores, que viam os africanos como preguiçosos e necessitados de disciplina.

Relacionando as questões coloniais às identidades dos países lusófonos e apoiando-se nas ideias de Stuart Hall e Kathryn Woodward, Conte (2008, p. 101) infere que “[...] é perfeitamente legitimada a confluência de imagens portadoras de significação para a construção de uma identidade”. Para o autor, que explora a manifestação da identidade angolana por meio da literatura, as práticas identitárias de uma nação tendem a se construir com o remonte ao passado, alinhado com os ideais de resistência.

Foi pensando nessa relação entre sujeitos e sociedades que estudantes da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), por meio do componente curricular Letramentos de Língua Portuguesa: Práticas Identitárias, realizaram, no mês de abril de 2024, pelas abordagens da aprendizagem baseada em projetos e da sala de aula invertida, uma atividade para estudar características de cada território lusófono e a instauração da língua portuguesa nessas regiões. Sob supervisão do Prof. Dr. João Paulo Hergesel, docente pesquisador da instituição, os estudantes apresentaram suas pesquisas utilizando slides, imagens, áudios, vídeos e outros recursos multimídia – experiência da qual se ocupa este relato.

Ao aprofundar o entendimento das identidades linguísticas e culturais presentes nas diversas comunidades lusófonas, a atividade discorreu sobre a permanência das diásporas e dos desamparos nas literaturas e culturas de língua portuguesa. Por meio de pesquisa Exploratória e Bibliográfica, além de seminários e criação de infográficos, houve a aprendizagem das características de cada território lusófono, a instauração da língua portuguesa e suas variantes. Além disso, a atividade promoveu um intercâmbio cultural, explorando as articulações do imaginário ibérico espalhadas pelo mundo desde o século XV.

Em forma de relato de experiência¹, assinado pelo professor mediador da atividade e por algumas das estudantes participantes, este trabalho busca diálogo nos estudos de Ribeiro, Pacheco e Machado (2023), Pimenta, Ribeiro e Moreira (2023) e Conte (2008), agregados a outros autores, sobre a permanência das diásporas nas culturas lusófonas. Ao discutir as práticas linguísticas identitárias de países e territórios que têm a Língua Portuguesa como idioma oficial, discorremos sobre a colonização ibérica, a diáspora e as culturas lusófonas, oferecendo uma reflexão sobre as complexas interações entre colonizadores e colonizados e as consequências dessas interações nas identidades e nas expressões culturais das comunidades lusófonas.

Seguindo os pressupostos metodológicos de Mussi, Flores e Almeida (2021), este trabalho inicia-se com uma introdução que contextualiza o campo teórico, identifica os conceitos-chave do tema e justifica a importância do relato. Em seguida, define-se o objetivo do relato, seguido pela descrição dos materiais e métodos utilizados, incluindo o período temporal, características do local, eixos da experiência, caracterização da atividade, tipo de vivência, público-alvo, recursos utilizados, ação realizada

¹ Como demarcam Mussi, Flores e Almeida (2021, p. 70), o gênero relato de experiência “[...] refere-se à intervenção de quem vivenciou (autores) e quando houver a presença de forma específica de participantes no texto, por meio de imagem e/ou fala, é relevante que a proposta seja avaliada previamente por um CEP [Comitê de Ética em Pesquisa]”. Obedecendo a essa orientação, o presente trabalho está dispensado de tais autorizações, uma vez que o texto não registra falas ou imagens dos participantes.

e instrumentos de coleta de dados (se houver). Os resultados são apresentados e discutidos em diálogo com a literatura, incluindo análises críticas e reflexões sobre dificuldades e potencialidades encontradas no processo. Por fim, são feitas considerações finais e proposições para futuros trabalhos, seguidas de referências bibliográficas.

2 OBJETIVOS DA ATIVIDADE E DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

Letramentos de Língua Portuguesa: Práticas Identitárias, um dos componentes curriculares do módulo intitulado Práticas de Linguagem e Identidade, integra os cursos de Licenciatura e Bacharelado em Letras: Português/Inglês, ofertados pela Faculdade de Letras da PUC-Campinas. Em seu plano de ensino, a ementa define que a referida disciplina “introduz os estudos da textualidade nas modalidades oral e escrita da língua portuguesa, a partir das diferentes perspectivas de gêneros usados nas práticas linguísticas da interface sujeito-identidade-sociedade” (PUC-Campinas, 2024a, p. 1).

A Faculdade de Letras da PUC-Campinas, conforme o histórico apresentado em seu projeto pedagógico (PUC-Campinas, 2024b), foi criada em 1941 e iniciou suas atividades em 1942, passando por diversas transformações ao longo das décadas. Inicialmente focada em diferentes modalidades de Licenciatura, o curso evoluiu para atender às demandas do mercado e às mudanças no ensino secundário, expandindo-se para incluir habilitações em diversas línguas, como Português/Alemão e Português/Francês. Em meados dos anos 2000, o curso foi reestruturado para oferecer dupla habilitação em licenciatura e bacharelado em Letras Português/Inglês.

As reformulações curriculares subseqüentes visaram atender às Diretrizes Curriculares Nacionais, promovendo o desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes necessárias para o mundo contemporâneo, com ênfase no uso das tecnologias e na interação em um contexto globalizado. A última reformulação, em 2021, consolidou o curso como uma resposta eficaz às demandas da Região Metropolitana de Campinas (RMC), preparando profissionais bilíngües capazes de atuar em diversos setores, incluindo tecnologia, indústria e serviços, enquanto promove o entendimento intercultural e contribui para o desenvolvimento socioeconômico da região.

O já mencionado componente curricular Letramentos de Língua Portuguesa: Práticas Identitárias, ministrado pelo Prof. Dr. João Paulo Hergesel no 1.º semestre de 2024, tem como macrocompetências o desenvolvimento de habilidades comunicativas para interagir em diferentes línguas, o estímulo à criatividade e à recursividade na busca de soluções de problemas em diferentes práticas sociais, bem como o fomento à empatia e à solidariedade na relação com o outro. As microcompetências incluem

despertar a habilidade para expressar o domínio de diferentes noções de gramática, desempenhar papel de construtor do conhecimento e interagir em benefício da sociedade e de grupos minoritários.

Os objetivos do componente são: promover uma compreensão mais profunda das práticas linguísticas e identidades lusófonas e decoloniais; estimular o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, análise crítica e comunicação intercultural; e fomentar o respeito mútuo e a valorização da diversidade cultural e linguística. A metodologia de ensino inclui ensino sob demanda, ensino híbrido, estudo de caso, desenvolvimento da escrita, aprendizagem baseada em projetos e sala de aula invertida. Sobre essas duas últimas abordagens, foi realizada, durante as cinco semanas do mês de abril de 2024, em sala de aula localizada no campus I da instituição, a atividade intitulada *Práticas de linguagem, identidades e lusofonia*.

Sobre a aprendizagem baseada em projetos, Rossi e Silva (2024, p. 78-79) explicam:

É uma metodologia de aprendizagem em que os alunos se envolvem com tarefas e desafios para resolver um problema ou desenvolver um projeto que também tenha ligação com sua vida fora da sala de aula. No processo, eles lidam com questões interdisciplinares, tomam decisões e agem sozinhos e em equipe. Por meio dos projetos, são trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico, criativo e a percepção de que existem várias maneiras para a realização de uma tarefa, tidas como competências necessárias para o século XXI. Os alunos são avaliados de acordo com o desempenho durante e na entrega dos projetos.

A respeito da sala de aula invertida, Rossi e Silva (2024, p. 77) descrevem:

Na Sala de Aula Invertida tem-se uma mudança na forma tradicional de ensinar. O conteúdo passa a ser estudado em casa e as atividades, realizadas em sala de aula. Com isso, o estudante deixa para trás aquela postura passiva de ouvinte e assume o papel de protagonista do seu aprendizado. O professor, em sala de aula, deixa o papel de expositor de informação e passa a mediar atividades envolventes e desafiadoras, com o objetivo de direcionar e orientar o estudante na construção do seu próprio conhecimento. Porém, como toda e qualquer metodologia de ensino, precisa ser pensada e planejada com atenção para que os objetivos pedagógicos sejam alcançados. De forma simplificada, na Sala de Aula Invertida, o que é feito na escola, será feito em casa, o dever de casa feito em casa será concluído na aula.

Propondo uma trabalhar com a noção de "letramentos" para além da leitura e interpretação de textos verbais escritos, a atividade foi ancorada nos seguintes objetivos: compreender as identidades linguísticas nas variedades do português; promover o entendimento das nuances linguísticas entre diferentes comunidades lusófonas; despertar a oralidade por meio da verbalização das descobertas com a pesquisa

exploratória, com auxílio de recursos multimídia; e produzir infográfico que sintetize os aprendizados obtidos, desenvolvendo a habilidade de trabalhar com a linguagem visual em conjunto com a escrita.

A escolha pelo gênero infográfico como forma de registro textual tem como base o estudo de Bottentuit Junior, Lisboa e Coutinho (2011), que viram nesse recurso várias potencialidades educativas, como: permite que os alunos acompanhem passo a passo processos ou eventos históricos; facilita a assimilação do conteúdo devido à riqueza de imagens; promove a alfabetização visual, destacando aspectos importantes com atenção detalhada; oferece controle sobre o aprendizado, permitindo revisões frequentes; é atrativo para disseminar informações em ambientes educacionais; desenvolve habilidades cognitivas de interpretação, análise e síntese; possibilita navegação não linear, levando a novas descobertas; pode ser combinado com recursos multimídia para melhorar o ensino; pode ser manipulado repetidamente para garantir a compreensão completa; entre outras. Além disso:

A utilização de infográficos como um recurso pedagógico alinha-se no atual contexto dos jovens estudantes que complementam sua formação em recursos advindos da Web, tais como vídeos, redes sociais, enciclopédias eletrônicas, imagens, etc. [...] Pensamos que sua utilização poderá promover uma aprendizagem que ultrapassa os parâmetros abstratos dos conteúdos e mergulhe num mundo concreto onde, de fato, o aluno poderá deparar-se com uma realidade mais consistente (Bottentuit Junior, Lisboa e Coutinho, 2011, p. 177; 179).

Por se tratar de um componente curricular modular, ele reúne estudantes de diferentes etapas, com entradas nos últimos quatro semestres, tanto na Licenciatura quanto no Bacharelado. A atividade foi desenvolvida em duas turmas, sendo a Turma 01 composta por 32 alunos, praticamente todos no 2.º, 3.º ou 4.º semestre de seu curso, e a Turma 02 composta por 28 alunos, em sua maioria ingressantes.

A cada semana do mês de abril de 2024, houve duas apresentações por turma, que poderiam ter entre 20 e 40 minutos. Além da fala, podiam ser utilizados slides, imagens, áudios, vídeos e outros recursos multimídia. Entre os pontos a serem abordados, estiveram: as características de cada território (localização, história, cultura, economia, geografia); a instauração da língua portuguesa (colonização, resistências, dialetos, variantes); e as linguagens contemporâneas (línguas, culturas, artes, mídias).

Como ponto de partida e apoio, foram disponibilizados aos alunos 12 textos teóricos, sendo dois mais gerais, sobre a identidade da língua portuguesa, e dez específicos, cada um a respeito de um território lusófono. Para além dessas publicações, os estudantes puderam realizar as próprias pesquisas exploratórias e preparar seus seminários, bem como os infográficos.

3 LUSOFONIA: BASES TEÓRICAS

A lusofonia, como conceito multifacetado, abarca não apenas um conjunto de países que compartilham a Língua Portuguesa, mas também uma rica tapeçaria de contextos históricos, culturais e políticos que moldam e são moldados pelo uso do português. Neste trabalho, buscamos explorar as bases teóricas da lusofonia a partir de diferentes perspectivas, revisitando estudos sobre o papel da língua portuguesa na construção de identidades nacionais e suas implicações sociais, políticas e culturais em diversas nações lusófonas. Ao longo dessa discussão, abordamos questões como a influência das línguas locais, o impacto das políticas coloniais e pós-coloniais, e os desafios contemporâneos da promoção e preservação do português em contextos multilíngues.

Neves (2008) recorda que os epítetos “língua de Camões” e “última flor do Lácio” reforçam a ideia de uma identidade linguística compartilhada entre Brasil e Portugal, mesmo diante das diferenças dialetais e culturais. Ela menciona o desejo de alguns por uma “língua brasileira”, uma ideia que nunca se consolidou além de expressões revolucionárias ou patrióticas. A autora sublinha que a língua portuguesa deve ser considerada em um contexto mais amplo, incluindo outras nações lusófonas além de Brasil e Portugal, destacando a variedade de contextos históricos e culturais onde a língua portuguesa é falada, resultando em uma diversidade de usos e identidades linguísticas. Para Neves (2008), a lusofonia não deve ser vista apenas como um conjunto de espaços geográficos, mas como um “espaço simbólico e político” que transcende as fronteiras físicas e promove uma identidade comum entre seus falantes.

Neves (2008) também discute a relação entre gramática e política linguística, afirmando que a gramática não é apenas uma coleção de regras, mas um reflexo das relações sociais e políticas que influenciam o uso da língua. Ela destaca dois campos principais para análise: a criação literária e a produção de estudos metalinguísticos, ambos vitais para a formação de padrões linguísticos. A autora cita o exemplo de Timor-Leste, onde a língua portuguesa desempenha um papel crucial na afirmação da identidade nacional após um período de dominação estrangeira, contrastando com a situação no Brasil, onde a língua portuguesa é uma herança sem traumas coloniais recentes. Ela argumenta que, no Brasil, a língua evolui com influências mútuas entre os falantes de diferentes regiões e culturas, sem a necessidade de um “sete de setembro” linguístico, ou seja, uma ruptura radical com a norma padrão.

Explorando a história da língua no Brasil, Neves (2008) destaca a complexidade linguística da colônia, onde o português nem sempre foi a língua dominante. Ela analisa a influência da literatura na formação do padrão linguístico brasileiro, desde o período colonial até os movimentos literários modernos, que ora buscaram um estilo nacional, ora refletiram tendências europeias. Por fim, a autora discute a importância dos dicionários e gramáticas como instrumentos que registram e influenciam a norma linguística,

argumentando que esses recursos são vitais para a construção e manutenção da identidade linguística de uma comunidade. Neves conclui que a busca por um padrão linguístico unificador é uma característica natural das sociedades, refletindo uma tendência sociocultural e não necessariamente uma imposição política.

Silveira e Gama (2015) abordam o conceito de nação e nacionalismo, explorando as visões contrastantes de Hobsbawm e Anderson. Hobsbawm argumenta que nações são invenções modernas, surgidas no século XVIII, e construídas por elites para unir grupos diversos. Anderson, por outro lado, vê a nação como uma "comunidade imaginada", criada e disseminada através do capitalismo editorial e da imprensa, que promovem um sentimento de unidade entre pessoas que nunca se conhecerão. Essa discussão revela a complexidade de definir uma nação e o papel crucial das intenções políticas na sua criação.

Silveira e Gama (2015) focam no papel da língua na criação das identidades nacionais, enfatizando que, apesar das diferenças culturais, a língua é um elemento unificador e uma ferramenta poderosa na consolidação de uma consciência nacional. Exemplos históricos da Itália e França ilustram como a imposição de uma língua oficial pode ser um instrumento de poder e unificação. No Brasil, a língua portuguesa desempenhou um papel central na construção da identidade nacional, facilitando a disseminação de símbolos culturais como o samba e o futebol. Além disso, eles exploram a evolução da identidade brasileira desde a independência em 1822 até a era Vargas, destacando como a língua portuguesa foi utilizada para promover uma identidade coletiva. A singularidade do português brasileiro, influenciado por línguas indígenas e africanas, é ressaltada como um fator distintivo que ajuda a formar uma identidade nacional única.

Amarelo (2022) discute o papel da língua portuguesa durante o regime salazarista, quando foi promovida como uma língua de prestígio internacional, um símbolo de um império cultural. Contudo, esse esforço encontrou obstáculos significativos, como a vasta população diaspórica que vivia em contextos sociais e políticos distintos, e os colonizados que, linguisticamente e culturalmente subalternizados, não se enquadravam na imagem de uma "língua de cultura". A transição para a democracia e as independências das colônias africanas levaram Portugal a redefinir seu papel linguístico e cultural no mundo. Surgiu então a lusofonização, institucionalizada na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), como uma forma de transformar antigos "problemas" coloniais em uma vantagem estratégica para a reconstrução nacional.

Amarelo (2022) explica que o problema da emigração histórica persistiu, com o português muitas vezes associado a trabalhadores migrantes e visto com menor prestígio social e acadêmico nas universidades europeias. Para mudar essa percepção, houve uma tentativa de "intelectualizar" a língua, promovendo

a cultura e o pensamento português em diversas áreas do conhecimento. A globalização do português também passou a ser vista através de uma lente de solidariedade entre os países lusófonos, propondo uma narrativa de cooperação e intercâmbio cultural e econômico. No entanto, essa nova visão enfrenta desafios, especialmente a necessidade de alinhar-se com potências como o Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, que possuem suas próprias variantes do português. Para fortalecer essa globalização linguística, Amarelo (2022) defende a promoção de outras variedades do português, reconhecendo e valorizando a diversidade cultural dentro da lusofonia.

Biderman (2001) discute a chegada do português ao Brasil no século XVI, destacando a codificação da língua com as primeiras gramáticas e dicionários. Ela explica como a língua portuguesa se estabeleceu em um ambiente linguístico diverso, com mais de 1.200 línguas indígenas e, posteriormente, línguas africanas trazidas pelos escravos. A influência das línguas indígenas e africanas foi profunda, afetando principalmente a fonética e o vocabulário do português brasileiro. A autora também menciona a imposição do português como língua oficial pelo Marquês de Pombal em 1754, que proibiu o uso da língua geral, baseada no tupi. Essa medida foi crucial para a hegemonia do português em detrimento das outras línguas presentes no território brasileiro.

Com a chegada da família real portuguesa em 1808, a cultura e a língua portuguesas no Brasil passaram por transformações significativas, incluindo a abertura dos portos ao comércio estrangeiro e a fundação de instituições culturais e acadêmicas. Isso acelerou o processo de distinção entre o português brasileiro e o português europeu. No século XX, a questão da identidade linguístico-cultural brasileira foi amplamente debatida. Escritores e intelectuais, como José de Alencar, Monteiro Lobato e Mário de Andrade, defenderam a ideia de uma "língua brasileira" distinta. Em 1922, durante a Semana de Arte Moderna, proclamou-se a independência cultural e linguística do Brasil em relação a Portugal. Biderman (2001) enfatiza que, apesar das diferenças evidentes, o português do Brasil e de Portugal permanecem essencialmente a mesma língua, com variações normativas e não sistêmicas. Essas variações se manifestam principalmente na fonética, sintaxe e léxico.

Santos (2018) explica que a presença portuguesa em Angola começou no século XV durante a "Era dos Descobrimientos", motivada por interesses econômicos, religiosos e estratégicos. O contato inicial entre portugueses e sociedades africanas subsaarianas resultou em relações comerciais e diplomáticas significativas. O autor destaca que o comércio de escravos foi uma das principais atividades econômicas que consolidou a presença portuguesa na região. Nos séculos seguintes, a língua portuguesa se infiltrou gradualmente nas práticas sociais e administrativas, especialmente com a criação de postos comerciais

e a colonização direta. No século XX, a língua portuguesa tornou-se predominante devido ao aumento da população portuguesa em Angola e ao desenvolvimento urbano.

Segundo Santos (2018), Angola é um país plurilíngue com várias línguas autóctones, majoritariamente do grupo linguístico banto. O português, inicialmente uma língua de contato e elite, generalizou-se no século XX, sobretudo por políticas coloniais que visavam a uniformização linguística para facilitar a administração colonial. A política de monolinguismo português imposta pelos colonizadores reforçou o uso do português em detrimento das línguas locais. Após a independência em 1975, o governo angolano reconheceu o português como fator de unidade nacional, apesar da multiplicidade linguística do país. Santos (2018) menciona a fala de Agostinho Neto para ilustrar a necessidade de equilibrar o uso do português com a valorização das línguas nacionais.

O português em Angola apresenta peculiaridades resultantes do contato com línguas africanas e da aquisição do português como segunda língua. Santos (2018) aponta que a norma linguística em Angola não deve ser vista como uma "corrupção" da norma europeia, mas sim como uma variante legítima com características próprias.

Timbane (2014) oferece uma análise do uso de estrangeirismos e empréstimos no Português de Moçambique (PM), com foco nas variações léxico-semânticas presentes na fala dos falantes moçambicanos. O autor examina o impacto de línguas locais no PM e como essas influências moldaram a identidade linguística moçambicana. Ele também explora a presença de elementos estrangeiros na gramática e na lexicografia do PM, destacando a adaptabilidade e a dinâmica do português em Moçambique.

Ao defender que a incorporação de estrangeirismos no PM deve ser vista como um fenômeno natural e enriquecedor, Timbane (2014) argumenta que isso reflete a história de contato e a diversidade linguística do país. Ele observa que essas influências podem ser vistas em diversas áreas da língua, incluindo a fonética, morfologia e sintaxe. O autor argumenta que os estrangeirismos não são uma ameaça à integridade do português, mas sim uma prova de sua vitalidade e capacidade de adaptação às necessidades comunicativas dos falantes moçambicanos.

Finalmente, Timbane (2014) destaca a importância de reconhecer e valorizar as variantes locais do português, argumentando que elas contribuem para a riqueza e diversidade da língua como um todo. Ele conclui que o estudo das variações léxico-semânticas e do uso de estrangeirismos no PM oferece dados valiosos sobre a evolução e o desenvolvimento do português em contextos multilíngues e multiculturais, como o de Moçambique.

Numa linha paralela de raciocínio, Castello Branco (2008), ao discorrer sobre Cabo Verde, enfoca as tensões entre o português, língua oficial, e o cabo-verdiano, língua materna da maioria da população. A autora destaca como o português, introduzido durante a colonização, mantém-se como língua oficial por razões políticas, enquanto o cabo-verdiano, apesar de amplamente falado, não possui o mesmo *status* oficial. Para ela, a disparidade na compreensão e uso ativo do português pela população cabo-verdiana evidencia a imposição do português como língua de poder e visibilidade internacional, enquanto o cabo-verdiano permanece como língua da identidade cultural e do cotidiano.

A discussão de Castello Branco (2008) inclui conceitos de língua nacional e oficial e as complexidades em associar diretamente língua nacional à oficialidade – tensão linguística que, em Cabo Verde, é agravada pelo passado colonial, já que o português é visto como uma imposição colonial e um fator de desigualdade social. A autora questiona por que a língua materna de um povo, falada há mais de 500 anos, não consegue se tornar oficial em um país independente, explorando as implicações políticas e culturais dessa situação. Ela argumenta que a importação do modelo ocidental de Estado-nação, com sua ênfase em uma língua única e homogênea, não se adapta naturalmente às sociedades plurilíngues como a de Cabo Verde.

O português, como língua oficial, atende aos requisitos burocráticos e internacionais, mas a resistência à sua adoção plena revela a persistência da identidade cultural cabo-verdiana expressa pelo cabo-verdiano. Em conclusão, Castello Branco (2008) destaca a contradição entre a língua oficial imposta e a língua materna desejada pelos cabo-verdianos, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar a língua materna no processo de construção nacional.

Dando um salto para outro contexto pós-colonial, Brito (2008) mergulha na complexa situação linguística de Timor-Leste, focando no papel do português e sua interação com o tétum, outra língua oficial do país. Timor-Leste, situado entre o sudoeste asiático e o Pacífico Sul, tem uma história tumultuada de colonização e ocupação. A autora destaca a importância estratégica da escolha do tétum e do português como línguas oficiais do país para afirmar a identidade nacional timorense após a independência. Essa escolha foi reforçada pelo papel simbólico do português durante a resistência à ocupação indonésia, quando o idioma foi usado como uma forma de resistência e identidade nacional.

Atualmente, Timor-Leste apresenta uma situação linguística diversificada, com muitos timorenses falando bahasa indonésia e inglês, além do português e do tétum. No entanto, segundo Brito (2008), o uso do português ainda enfrenta desafios, especialmente devido às dificuldades fonéticas, morfológicas e sintáticas resultantes da interferência das línguas locais e ao domínio limitado do vocabulário português

pela população. A autora enfatiza que o futuro do português em Timor-Leste está intrinsecamente ligado à sua história de resistência e à parceria estratégica com o tétum.

Em outra ponta, Có (2022), ao discutir a interação entre língua e cultura no contexto do português de Guiné-Bissau, baseia-se em obras literárias de escritores guineenses e assume que a língua é uma prática social intrinsecamente ligada à cultura, fundamental para entender a sua formação e transformação. Para o autor, a noção de “português acrioulado” destaca a relação íntima entre o português e o crioulo guineense, mostrando como ambas as línguas se influenciam mutuamente e que a heterogeneidade linguística reflete a diversidade cultural e étnica do país.

Segundo Có (2022), o contexto sociocultural desempenha um papel fundamental na compreensão linguística, como ilustrado pelo uso de termos como “noba” e “pastro”, que possuem equivalentes em português, mas carregam significados específicos dentro da cultura guineense. A prática do “fanado” é um exemplo disso, marcando uma transição para a vida adulta e trazendo novas responsabilidades sociais. Além disso, termos como “bombolon” e “iran” possuem conotações culturais profundas, que podem ser difíceis de compreender fora do contexto guineense.

Já quanto à Guiné Equatorial, Leviski (2015) investiga a adesão de Guiné Equatorial à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), destacando a relevância da língua portuguesa como elemento unificador entre os países membros. A autora analisa as políticas linguísticas implementadas no país, especialmente a oficialização do português e sua integração no sistema educacional. No entanto, ressalta que, apesar da oficialização, persistem desafios significativos na sua efetiva circulação e uso, especialmente no contexto oficial e educacional. A adesão do país à CPLP também é problematizada, especialmente em relação aos direitos humanos e à governança política, evidenciando a tensão entre os objetivos fundadores da CPLP e os interesses econômicos envolvidos na integração de novos membros.

O contexto político e econômico de Guiné Equatorial é explorado pela autora, destacando as disparidades sociais e econômicas existentes no país, apesar de sua riqueza em recursos naturais. Leviski (2015) também discute o multilinguismo em Guiné Equatorial, onde o espanhol é a língua oficial, mas o português é oficializado e o francês também é reconhecido, refletindo a herança colonial do país.

Ao analisar especificamente a evolução histórica e linguística da ilha de Ano Bom, por sua vez, Leviski (2015) evidencia a resistência da população africana à colonização europeia, destacando a hibridização entre o cristianismo e as tradições africanas. A autora destaca ainda os estudos linguísticos sobre o “fa d’ambô”, língua crioula de base portuguesa, contribuindo para compreender a herança linguística da Guiné Equatorial e sua relação conturbada com o português.

Balduino, Bandeira e Freitas (2022) oferecem uma análise abrangente da história, ecologia linguística e atual situação do português em São Tomé e Príncipe (STP). Os autores exploram a complexa interação entre o português e as línguas locais, destacando a imposição do português como língua dominante desde os primórdios da colonização. A influência das elites locais, urbanização e democratização do ensino foram fatores que contribuíram para a difusão do português, relegando as línguas autóctones a um papel marginal.

A análise das variedades do português falado em STP, feita pelos autores, revela suas peculiaridades fonológicas e fonotáticas, moldadas pela interação com as línguas crioulas e as características socioeconômicas da população. Nesse âmbito, os autores oferecem exemplos como a nasalização opcional engatilhada por /ɲ/ e o apagamento de /N/ em certos contextos, o que aproxima o português santomense de outras línguas faladas no país. Outro exemplo dado por Balduino, Bandeira e Freitas (2022) a variação entre o tepe [r] e a fricativa ou vibrante uvular [ʁ] e [ʀ], destacando a influência da faixa etária na preferência por uma ou outra realização.

Por fim, Espadinha e Silva (2008) destacam a variedade de contextos nos quais o português é utilizado em Macau, desde a administração pública e o sistema educacional até o setor comercial e os meios de comunicação. Além disso, os autores exploram a diversidade linguística presente na comunidade macaense, destacando as influências do chinês e do inglês no português macaense e suas variações fonológicas, morfossintáticas e lexicais. Dessa forma, revelam a necessidade de uma política linguística mais robusta para a língua portuguesa em Macau, a fim de garantir que ela não seja apenas uma segunda língua oficial, mas verdadeiramente integrada e valorizada na sociedade macaense.

Um aspecto importante abordado por Espadinha e Silva (2008) é o papel ativo da Universidade de Macau na pesquisa e no ensino da língua portuguesa, bem como o desafio contínuo enfrentado pelas escolas Luso-Chinesas na manutenção do ensino da língua portuguesa em seus currículos. Os autores também ressaltam a importância pragmática, cognitiva, econômica, geopolítica, política e humanística da língua portuguesa em Macau, destacando sua relevância como ferramenta para o desenvolvimento profissional, cultural e pessoal dos indivíduos na região.

Essa breve revisão bibliográfica sobre a lusofonia revela a complexidade e a diversidade inerentes à CPLP. Cada nação lusófona, com suas particularidades históricas e culturais, contribui para a riqueza do panorama linguístico do português. Seja na afirmação de identidades nacionais em Timor-Leste, na luta pela valorização do crioulo cabo-verdiano, ou na promoção do português em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, a Língua Portuguesa se apresenta como um elo que transcende fronteiras geográficas. No entanto, o reconhecimento e a valorização das variações locais são fundamentais para fortalecer a

unidade dentro da diversidade que caracteriza a lusofonia. Assim, a lusofonia não deve ser vista apenas como uma herança colonial, mas como um espaço simbólico e político que promove uma identidade comum e resiliente entre seus falantes.

4 PRÁTICAS DE LINGUAGEM, IDENTIDADES E LUSOFONIA

Durante as apresentações sobre os países e territórios lusófonos, foram destacadas características distintas de cada nação, desde sua história e cultura até aspectos linguísticos e socioeconômicos. Os grupos proporcionaram uma visão abrangente sobre a diversidade e a complexidade dessas nações espalhadas pelo mundo e sua relação com a Língua Portuguesa. Embora cada apresentação tenha focado diferentes aspectos, todas convergiram para a celebração da riqueza cultural e linguística da lusofonia.

4.1 APRESENTAÇÕES DA TURMA 01

As apresentações sobre o Brasil foram ricas em informações históricas e culturais. O grupo iniciou com um contexto geral sobre a vastidão territorial e cultural do país, mencionando suas origens e colonizações. Destacou as origens da língua portuguesa, relacionando-a com o latim vulgar e o galego-português. A leitura de poemas, como os de Olavo Bilac e Manuel Bandeira, enriqueceu a apresentação, evidenciando a influência indígena e africana na língua portuguesa do Brasil. Por fim, uma das alunas apresentou uma visão apaixonada, defendendo a língua portuguesa como a mais sonora e bonita. Em nossa avaliação, pontuamos que, embora a apresentação tenha sido informativa, faltou uma abordagem mais detalhada sobre as diferentes regiões do país, seu folclore, e as variações linguísticas (sotaques e dialetos). Além disso, a projeção dos poemas em tela teria facilitado a visualização e a compreensão dos textos apresentados.

A apresentação sobre Guiné-Bissau foi iniciada de forma visualmente impactante com a exibição da bandeira do país. O grupo apresentou informações gerais e mostrou um vídeo de dança, enriquecendo a compreensão cultural. Também explicou a situação linguística, destacando a prevalência do crioulo sobre o português e a importância da língua fula. Um dos alunos forneceu um panorama histórico da literatura guineense, mencionando poetas significativos e os períodos literários, enquanto outra aluna explicou o contexto político e a luta pela preservação cultural. Pontuamos que, apesar de bem estruturada, a apresentação poderia ter se beneficiado de uma maior ênfase na projeção de materiais visuais, como os poemas e infográficos mencionados. A explicação sobre a língua crioula como “língua de ninguém” também poderia ter sido aprofundada para esclarecer melhor seu papel na identidade cultural guineense.

O grupo de Moçambique forneceu uma visão abrangente dos aspectos gerais e culturais do país, incluindo artes plásticas, produções têxteis e danças típicas. Os alunos abordaram a instauração da língua portuguesa e as variações linguísticas, destacando a influência do bantu e as peculiaridades do português moçambicano. A exibição de um vídeo sobre os sotaques do português em Moçambique foi um complemento interessante e elucidativo. Apontamos que a apresentação, mesmo tendo sido bastante satisfatória, poderia ter explorado mais profundamente as interações entre as várias línguas locais e o português. Além disso, a distinção entre dialetos e línguas poderia ter sido clarificada para evitar possíveis confusões sobre o status das línguas locais.

A apresentação sobre a Guiné Equatorial foi abrangente em termos de informações territoriais e históricas. Parte do grupo descreveu as línguas faladas e as influências culturais, enquanto outra parte destacou a recente inclusão do país na CPLP e a oficialização da Língua Portuguesa, fornecendo um contexto político e econômico relevante. Entre as oportunidades de melhorias, a apresentação poderia ter incluído mais detalhes sobre a presença e uso do português no cotidiano e na educação. Além disso, a contextualização dos dados econômicos em relação à cultura e linguagem teria proporcionado uma compreensão mais integrada das informações apresentadas.

A apresentação sobre Portugal foi bem estruturada, começando com uma discussão sobre a economia e geografia do país. Uma das alunas abordou a história rica e diversificada de Portugal, e outra finalizou com uma análise detalhada da origem e variações da língua portuguesa, incluindo um vídeo sobre os Caretos de Podence, que foi bem recebido. Pequenos erros de digitação nos slides, como "inicia-se" em vez de "iniciam-se" e "Podece" em vez de "Podence", poderiam ser corrigidos para melhorar a precisão da apresentação. Além disso, uma maior profundidade na discussão das influências culturais contemporâneas e suas interações com a língua poderia ter enriquecido ainda mais a fala.

A apresentação sobre Cabo Verde foi iniciada com a exibição da bandeira do país e uma descrição das ilhas que compõem o arquipélago e sua geografia. A economia do país foi detalhada, destacando a importância da pesca, turismo e agricultura, que compõem 69% do PIB. A colonização portuguesa em 1460 e o uso do arquipélago como ponto de abastecimento e aquisição de escravos foram bem contextualizados. A apresentação também abordou as variantes linguísticas do crioulo cabo-verdiano (Sotavento e Barlavento) e as manifestações culturais, como folclore, tecelagem, cerâmica, gastronomia e o Carnaval de Mindelo. Autores importantes da literatura cabo-verdiana foram apresentados, culminando com a leitura do poema "O rio quando antilira". Houve pequenos erros ortográficos nos slides que poderiam ser corrigidos para melhorar a precisão. Além disso, a apresentação poderia ter incluído

mais recursos visuais, como a projeção de textos e imagens, para facilitar a compreensão e tornar a experiência mais interativa.

A apresentação sobre Angola destacou a localização e população do país, com foco na origem Bantu. A economia, centrada no extrativismo de petróleo e agricultura, foi discutida em detalhe. A história da colonização portuguesa e seu impacto na língua e na cultura angolana foram bem abordados, incluindo a influência do “pretoguês” (mistura entre dialetos africanos e o português). A apresentação incluiu vídeos sobre o carnaval de Luanda e a festa de Nossa Senhora da Muxima, além de exemplos de artes visuais, teatro e dança. A importância das mídias sociais e do jornalismo independente, assim como o crescimento da indústria audiovisual, foram também discutidos. Em devolutiva, sinalizamos que alguns pontos poderiam ser clarificados, como a presença indevida da silhueta do mapa do Brasil em um slide sobre a colonização portuguesa em Angola. Além disso, a variedade de línguas além do português poderia ter sido apresentada visualmente para facilitar o entendimento.

A apresentação sobre Macau iniciou com uma contextualização histórica detalhada do território. Foram abordadas a construção do Farol da Guia, a soberania portuguesa reconhecida em 1887 e a devolução do território à China em 1987. O contexto econômico, cultural e geográfico de Macau foi bem explanado, destacando as Ruínas de São Paulo e a economia baseada em cassinos e turismo. A instauração da língua portuguesa e seu uso contemporâneo na administração pública, comércio e mídias foram explicados, incluindo a influência do patuá. Vídeos sobre a quase extinção do patuá e a ausência do português no cotidiano enriqueceram a apresentação. Identificamos que correções ortográficas nos slides são necessárias para melhorar a precisão. A apresentação poderia ter explorado mais a fundo a interação entre as línguas faladas em Macau e o impacto cultural dessa diversidade linguística.

A apresentação sobre São Tomé e Príncipe iniciou com uma contextualização das ilhas e sua descoberta em 1470. A história da colonização, tráfico de escravos e a cultura do país foram bem abordadas. A economia, prejudicada pelo isolamento, e a diversidade linguística (santome, lung’le, angolár, kabuverdianu) foram discutidas, com destaque para a institucionalização do português em 1975. A literatura e as manifestações culturais contemporâneas, como danças e teatro, foram ilustradas, e um vídeo exemplificou a dança ússua. Pontuamos que pequenos erros ortográficos nos slides devem ser corrigidos. A apresentação poderia ter aprofundado a discussão sobre a convivência das diversas línguas crioulas e o português, bem como as tensões geradas pela norma europeia imposta no ensino.

A apresentação sobre Timor-Leste contextualizou a independência de Portugal em 1975 e a subsequente ocupação indonésia, com a independência total alcançada em 2022. A pluralidade linguística foi destacada, mencionando o português, tétum, inglês e indonésio, além de várias línguas secundárias.

A resistência ao português entre os jovens, a desigualdade social e educacional, e as festividades culturais foram bem explicadas. A literatura timorense foi representada por autores como Luís Cardoso e Fernando Sylvan, abordando temas de identidade nacional e resistência. A substituição do termo “dialetos” por “falares” foi sugerida para maior precisão. Como sugestão de melhorias, evidenciamos que a leitura de relatos sobre desigualdade educacional poderia ter sido projetada em tela para facilitar o acompanhamento. Além disso, uma discussão mais profunda sobre as línguas secundárias e suas influências poderia enriquecer a apresentação.

4.2 APRESENTAÇÕES DA TURMA 02

A turma 02 iniciou suas apresentações com o grupo sobre São Tomé e Príncipe. Houve uma contextualização a descoberta das ilhas em 1470 por João de Santarém e Pedro Escobar e sua independência em 1975. Com uma população de 202 mil habitantes, 65% dos quais vivem em áreas urbanas, o país possui várias variedades de português, incluindo o português principense e santomense, além de outras línguas como: santome, lung'le, angolar, cabo-verdiano e francês. A economia é baseada na exportação de cacau e petróleo, e a moeda oficial é a Dobra de São Tomé. A apresentação destacou a geografia vulcânica do país, o clima equatorial e a predominância do catolicismo entre os habitantes. Foi observado que o infográfico necessitava de ajustes textuais para correção de ortografia e pontuação.

A apresentação sobre o Brasil foi atraente desde o início, com um slide de título cativante. O panorama geral incluiu a vegetação diversa, a influência da imigração nos sotaques regionais e a presença da geografia na literatura. A linha do tempo histórica abordou regimes políticos e figuras de resistência, como Zumbi dos Palmares. A diversidade cultural foi exemplificada com a Bahia e o Rio Grande do Sul. Houve discussões sobre dialetos regionais e ocupacionais, a oficialização da Libras, e o desaparecimento das línguas indígenas. A apresentação destacou as manifestações artísticas e a indústria cultural contemporânea, incluindo memes e gibis. Foi necessário corrigir a referência à Libras como língua oficial, uma vez que se trata de uma língua reconhecida como meio legal de comunicação e expressão no país, mas não como segunda língua.

A apresentação sobre Cabo Verde iniciou diferenciando língua oficial de língua nacional, destacando que o crioulo cabo-verdiano é uma variante da língua portuguesa. A história de Cabo Verde foi abordada, mencionando a descoberta no século XV e a escravidão. A cultura miscigenada, incluindo mornas e samba, foi apresentada como resistência. A geografia, a economia baseada na agricultura e turismo, e a população de cerca de 500 mil habitantes foram discutidas. A independência em 1975 e a primeira eleição em 1991 foram marcos históricos importantes. Aspectos culturais e religiosos, como a cachupa e a forte mestiçagem, também foram abordados. Comentários deixados no infográfico indicavam a necessidade de ajustes gramaticais e de design.

A apresentação sobre Angola iniciou com a localização geográfica e a diversidade da fauna e flora. A economia angolana, dominada pelo petróleo e café, e a desigualdade social foram temas centrais. Aspectos culturais, como festas típicas e músicas angolanas, foram ilustrados com vídeos. A imposição da língua portuguesa pela colonização portuguesa em 1484 e a resistência cultural foram destacadas. A maioria da população é de origem bantu, e mais de 20 línguas africanas são faladas no país. A literatura angolana e pratos típicos, como calulu e feijão com óleo de palma, foram mencionados. Dois ajustes de design foram recomendados para o infográfico.

A apresentação sobre Timor-Leste abordou a história do país, desde a chegada dos portugueses, em 1520, até a independência total, em 2002. A geografia montanhosa e a economia baseada na produção de cacau, coco, café e petróleo foram destacadas. A língua portuguesa, pouco falada pela população, foi imposta durante a colonização, com o tétum servindo como língua de resistência. A cultura timorense foi apresentada com influências portuguesas e holandesas, pratos típicos como a feijoada à timorense e a dança tebedahu. Foi recomendada a correção de vícios de linguagem, bem como o fato de as informações do slide de atualidades ter gerado ruídos sobre as datas de independência.

A apresentação sobre Macau começou com a etimologia do nome do território e sua economia baseada na pesca. A chegada dos portugueses na década de 1550 e o desenvolvimento econômico subsequente foram discutidos. A economia moderna de Macau é dominada pelos jogos de azar. A instauração do português no século XVI, o uso limitado do idioma atualmente e a influência cultural chinesa e portuguesa foram abordados. O Festival do Dragão Bêbado e a ameaça de extinção do patuá foram exemplos culturais apresentados. Recomendações incluíam a correção de pequenos erros nos slides.

A apresentação sobre Portugal foi iniciada com uma explicação detalhada sobre a bandeira do país, suas cores e simbologias, além de aspectos demográficos e econômicos. A origem de Portugal foi ilustrada com uma animação musical sobre a consolidação do reino português. Aspectos culturais foram destacados, incluindo a Feira da Foda, uma tradicional festa gastronômica. Exemplos de linguagem contemporânea foram apresentados através de dublagens (como *Dragon Ball*), musicais (como *Matilda*) e vídeos de youtubers. A evolução da língua portuguesa foi abordada, explicando a divisão entre latim erudito e vulgar e a separação do galego-português no século XIV. A apresentação foi bem estruturada e envolvente, mas poderia incluir mais informações sobre a influência da cultura portuguesa em suas antigas colônias.

A apresentação sobre Guiné-Bissau começou com uma introdução aos tópicos a serem trabalhados. Aspectos geográficos e históricos foram discutidos, incluindo a ocupação pelo Império do Mali e a colonização portuguesa. A situação política pós-independência foi destacada, com menção à guerra civil e

à censura da imprensa. A língua oficial é o português, mas o crioulo é amplamente utilizado, com o francês, como língua secundária. A diversidade religiosa inclui islamismo, cristianismo e animismo. Manifestações culturais como o carnaval e a música gumbé foram apresentadas, junto com a literatura guineense dividida em três fases. A resistência à colonização foi abordada, destacando a luta de Amílcar Cabral. A apresentação foi rica em conteúdo, mas um poema lido poderia ter sido projetado para melhor visualização.

A apresentação sobre a Guiné Equatorial começou com a apresentação da bandeira e a geografia do país. A independência do país em 1968 e sua colonização por espanhóis após a ocupação inicial pelos portugueses foram discutidas. A economia, centrada na agricultura e no petróleo, foi destacada, juntamente com a moeda, o Franco CFA. A política do país, marcada por um regime ditatorial, foi apresentada. A língua portuguesa foi oficializada em 2010, e o país entrou para a Comunidade Lusófona em 2014. A culinária típica, incluindo pratos como *peppersoup* e testículos de touro fritos, foi mencionada. A apresentação foi informativa, mas poderia ter beneficiado de mais detalhes sobre a integração da língua portuguesa na sociedade local.

A apresentação sobre Moçambique começou com a leitura de um poema de Euridce Barros, seguida por uma explicação sobre a colonização portuguesa e a independência do país, incluindo a guerra civil pós-independência. A culinária e a geografia do país foram destacadas. A língua portuguesa, predominantemente na norma europeia, foi discutida em relação à sua miscigenação com línguas locais. O preconceito contra a língua bantu e a adoção da norma europeia foram temas centrais. Diferenças lexicais entre o português de Moçambique e o europeu foram ilustradas. A cultura foi abordada, destacando figuras literárias como Mia Couto e Paulina Chiziane, além do artesanato e do estilo musical marrabenta. A apresentação foi abrangente, mas poderia ter incluído mais exemplos visuais das artes plásticas moçambicanas.

Em suma, as apresentações sobre os países de língua portuguesa foram, em geral, bem estruturadas e informativas, proporcionando uma visão abrangente e diversificada. Pequenos ajustes, como correções ortográficas e o uso de mais recursos visuais, poderiam melhorar a clareza e o impacto das apresentações. De todo modo, a imersão na atividade levou a uma reflexão construtiva para futuras apresentações acadêmicas, incentivando a busca contínua pela excelência e precisão na transmissão de conhecimentos culturais e linguísticos.

Além das apresentações, os infográficos (exemplos nas figuras 1 e 2) forneceram um intercâmbio pelas terras lusófonas em forma de narrativa verbo-visual, destacando não apenas suas peculiaridades individuais, mas também os laços que as unem por meio da língua portuguesa e da história compartilhada. Esses relatos proporcionaram uma compreensão mais profunda e apreciativa da diversidade cultural, linguística e histórica dos países lusófonos, reforçando a importância do diálogo intercultural e da cooperação global.

Figura 1 – Infográfico sobre o Brasil.

BRASIL

Compreendendo as práticas de linguagem e identidade nacional



1 GEOGRAFIA DO BRASIL

O Brasil é o maior país da América do Sul e o 5º maior do mundo em extensão territorial, além disso, é o único país da América cujo idioma oficial é o português. Sua grande extensão continental e alta densidade demográfica moldaram nossa história, cultura e a língua. O idioma luso se transformou conforme os povos se misturavam ou se isolavam ao ocupar o território. Além disso, as migrações também demonstram papel crucial na construção da maneira como se fala.



2 HISTÓRIA DO BRASIL

Período Pré-Colonial: Caracterizado principalmente pela exportação do pau-brasil e as práticas de comércio entre portugueses e indígenas.
Período Colonial: Início da colonização onde indígenas foram também usados como escravos.
Primeiro Reinado: Família real retorna a Portugal, ocorre o Dia do Fico e a promulgação da independência.
Segundo Reinado: Abolição de D. Pedro I e antipetição da maioria da D. Pedro II (golpe da maioridade).
Primeira República: Marcada pelo Governo Provisório e tensões nas eleições do café com leite que levaram Getúlio Vargas ao poder depois dando início a Ditadura Militar.

3 CULTURAS REGIONAIS

A diversidade cultural é a convivência simultânea de várias etnias e culturas em um recorte territorial e social. No contexto brasileiro, é importante lembrar que o país é formado originalmente pelo contato entre três culturas: a cultura indígena; a cultura africana e a cultura europeia dos colonizadores portugueses.



Operários - Tarsila do Amaral

4 BRASIL CONTEMPORÂNEO

O Brasil começou a Idade Contemporânea como uma colônia portuguesa no final do século XVIII, e ainda não possuía um sentimento nacional unificado. Diversas mudanças e eventos, como a Declaração da independência do Brasil e os movimentos Modernistas brasileiros, no decorrer dos próximos séculos contribuíram para o desenvolvimento de uma identidade brasileira.

5 DIALETOS E VARIANTES

As diferentes formas de falar um idioma são chamadas de variações linguísticas ou dialetos, considerando que diferentes povos lidam de maneiras diferentes com um mesmo idioma. O Brasil é um país bem marcado em suas variações. Exemplificamos o dialeto nordestino, sertanejo, sulista.



Fonte: Elaboração dos estudantes.

Figura 2 – Infográfico sobre Portugal.



LOCALIZAÇÃO:

A República Portuguesa, é um País da Europa meridional, fundado em 1143 e ocupante de aproximadamente 92.200km². Portugal encontra-se no sul da Europa, no extremo sudoeste da Península Ibérica, fazendo fronteira com a Espanha ao norte e leste, e sendo cercado pelo Oceano Atlântico a oeste e sul.



ORIGEM DA LÍNGUA:

A língua portuguesa tem origem no latim vulgar e é influenciada por várias línguas, incluindo o árabe e o galego. O português de Portugal, ao longo dos séculos, continuou a evoluir e se desenvolver, incorporando novos vocabulários, expressões e influências, mas mantendo uma base comum com as variantes do português faladas em outras regiões lusófonas.

PAÍSES COLONIZADOS:

Durante os séculos XV e XVI, Portugal foi um dos principais impérios coloniais do mundo, colonizando territórios em várias partes do globo, incluindo o Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, e Timor-Leste.



ECONOMIA E GEOGRAFIA:

A economia de Portugal é diversificada, com setores como turismo, agricultura, indústria e serviços desempenhando papéis importantes. O país possui uma localização estratégica na Europa, no extremo sudoeste da Península Ibérica, com uma costa atlântica que favorece o comércio marítimo.

CULTURA E LITERATURA:

Portugal possui uma cultura rica e diversificada, com influências históricas e culturais variadas. Na literatura, destacam-se as obras de escritores como Fernando Pessoa e José Saramago que possuem grande importância e relevância no aspecto literário até os dias atuais.

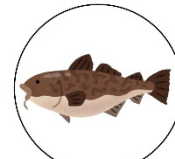


DANÇAS TRADICIONAIS E MÚSICA:

Suas danças tradicionais incluem o fandango, a chula e o vira. A música portuguesa é marcada pelo fado, um gênero melancólico e emotivo, além de outras formas musicais tradicionais.

DIALETOS:

Os dialetos em Portugal refletem a diversidade linguística do país, com variações regionais marcantes, como o mirandês no norte e o alentejano no sul. Essas diferenças enriquecem a cultura linguística portuguesa, evidenciando influências históricas e geográficas. Dentre principais estão o Mirandês, Alentejano, Nortenho, Beirão e o Algarvio.



CULINÁRIA TÍPICA:

A culinária portuguesa é conhecida pela sua variedade de pratos deliciosos e ingredientes frescos do mar e da terra. Bacalhau é um ingrediente emblemático, preparado de várias maneiras. Outros pratos populares incluem o caldo verde, o cozido à portuguesa e os famosos pastéis de nata.

Bibliografia:

Faria, João. (2018). "Cultura Portuguesa: Tradições e Influências." Editora Nova Fronteira.
 Marques, A.H. de Oliveira. (2001). "História de Portugal: Da Lusitânia ao Século XXI." Editorial Presença.
 Marcos, Maria Helena Mira. (2006). "Dialectologia Portuguesa." Editorial Caminho/Matosa, Maria Helena Mira. (2009). "Evolução do Português: Uma Perspetiva Diacrónica." Editora Caminho, Pim, Maria. (2016). "Sabores de Portugal: Receitas Tradicionais Portuguesas." Editora Europa-América.

Fonte: Elaboração dos estudantes.

Figura 3 – Infográfico sobre Guiné-Bissau.



Figura 4 – Infográfico sobre Macau.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, ancorado pelo gênero textual relato de experiência, aborda a lusofonia como um conjunto de países e regiões onde o português é a língua oficial, destacando a influência histórica da colonização portuguesa em diversos territórios ao redor do mundo. Esse contexto colonial ibérico é fundamental para entender as dinâmicas culturais e linguísticas presentes nas ex-colônias portuguesas, revelando as marcas deixadas pela colonização e as diásporas resultantes desse processo histórico.

Além disso, o texto discute a importância da cooperação cultural, econômica e política entre os países lusófonos, destacando como a língua portuguesa promove o intercâmbio de conhecimentos e fortalece uma identidade compartilhada entre essas nações. Essa perspectiva de interculturalidade e diálogo entre diferentes povos e culturas é relevante para compreender as complexidades das relações entre colonizadores e colonizados, bem como as consequências dessas relações nas identidades e nas expressões culturais das comunidades lusófonas.

Além disso, a atividade descrita no texto enfatiza a investigação das características de cada território lusófono, a instauração da língua portuguesa nessas regiões e as nuances linguísticas e culturais presentes nas diversas comunidades lusófonas. Essa abordagem coloca em perspectiva as articulações do imaginário ibérico e as diásporas presentes nas literaturas e culturas de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

AMARELO, D. A constituição da língua portuguesa como elemento de identidade nacional no Portugal institucional contemporâneo: raça, capital e globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 129, p. 27-50, 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.13893>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/13893>. Acesso em: 31 maio 2024.

BALDUÍNO, A. M.; BANDEIRA, M.; FREITAS, S. A língua portuguesa de São Tomé e Príncipe. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 8125-8143, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2022.e79197>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/79197/51954>. Acesso em: 31 maio 2024.

BIDERMAN, M. T. C. O Português Brasileiro e o Português Europeu: identidade e contrastes. **Revue belge de philologie et d'histoire**, Bruxelas, tomo 79, fascículo 3, p. 963-975, 2001. DOI: <https://doi.org/10.3406/rbph.2001.4556>. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rbph_0035-0818_2001_num_79_3_4556. Acesso em: 31 maio 2024.

BOTTENTUITT JUNIOR, J. B.; LISBOA, E. S.; COUTINHO, C. P. O infográfico e as suas potencialidades educacionais. **Quaestio – Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 13, n. 2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/695>. Acesso em: 31 maio 2024.

BRITO, R. H. P. de. O português de Timor-Leste. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: https://simelp.fflch.usp.br/sites/simelp.fflch.usp.br/files/inline-files/03_31.pdf. Acesso em: 31 maio 2024.

CASTELO BRANCO, L. K. As línguas de Cabo Verde o cabo-verdiano e o português: lugar onde joga o equívoco. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/03_16.pdf. Acesso em: 31 maio 2024.

CÓ, V. P. A língua e a cultura: uma abordagem sobre o português guineense. **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, São Francisco do Conde, v. 2, n. 1, p. 257-272, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/932>. Acesso em: 31 maio 2024.

CONTE, D. **Calados por Deus ou de como a África foi arrasada pela História**: os tons do silêncio no processo de construção da identidade angolana e sua representação na ficção de Pepetela. 2008. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15895>. Acesso em: 31 maio 2024.

ESPADINHA, M. A.; SILVA, R. O português de Macau. *In*: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: [https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/02\(15\).pdf](https://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/02(15).pdf). Acesso em: 31 maio 2024.

LEVISKI, C. E. A política da língua portuguesa em Guiné Equatorial. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 62-81, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n2p62>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2015v16n2p62>. Acesso em: 31 maio 2024.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/>

scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 31 maio 2024.

NEVES, M. H. de M. A língua portuguesa em questão: uso, padrão e identidade linguística. *In*: BASTOS, N. B. (org.). **Língua portuguesa**: lusofonia – memória e diversidade cultural. São Paulo: Educ, 2008. p. 173-186. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2241/mod_folder/content/0/Gram%C3%A1tica%2C%20Norma%20e%20Ensino/MOURANEVES_ALinguaPortuguesaEmQuestao.pdf?forcedownload=1. Acesso em: 31 maio 2024.

PIMENTA, S.; RIBEIRO, O.; MOREIRA, F. Cultural representations of Angola and Mozambique in colonial narratives. **Herança**, South Yorkshire, v. 6, n. 2, p. 234-244, 2023. DOI: <https://doi.org/10.52152/heranca.v6i2.716>. Disponível em: <https://revistaheranca.com/index.php/heranca/article/view/716>. Acesso em: 31 maio 2024.

PUC-CAMPINAS – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pró-Reitoria de Graduação. Faculdade de Letras. **Letramentos de Língua Portuguesa**: Práticas Identitárias – Plano de ensino. Campinas: PUC-Campinas, 2024a. Documento institucional.

PUC-CAMPINAS – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Pró-Reitoria de Graduação. Faculdade de Letras. **Letras: Português/Inglês – Bacharelado** – Projeto Pedagógico do Curso. Campinas: PUC-Campinas, 2024b. Documento institucional.

RIBEIRO, O. M.; PACHECO, S. M.; MACHADO, J. B. Mestiçagem linguística e cultural: a formação do “falar brasileiro”. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v. 8, n. 3, p. 1-20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.23899/relacult.v8i3.2333>. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/2333>. Acesso em: 31 maio. 2024.

ROSSI, M.; SILVA, W. M. da. Estratégias e técnicas associadas aos métodos ativos. *In*: ALMEIDA, Flávio Aparecido de (org.). **Diálogos sobre educação**: desafios teórico-metodológicos – volume 1. Guarujá: Científica Digital, 2024. p. 72-83. DOI: <https://dx.doi.org/10.37885/240416351>. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/chapter/240416351>. Acesso em: 31 maio 2024.

SANTOS, E. F. Aspectos da língua portuguesa em Angola. **PAPIA – Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 25-49, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/329612028_Aspectos_da_lingua_portuguesa_em_Angola_Aspects_of_Portuguese_Language_in_Angola. Acesso em: 31 maio 2024.

SILVEIRA, L. A. da; GAMA, L. C. J. Língua e identidade nacional: uma abordagem interdisciplinar entre a geografia e as linguagens. *In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA*, 15., 2015, Havana. **Memorias [...]**. Havana: EGAL, 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Conceptuales/06.pdf>. Acesso em: 31 maio 2024.

TIMBANE, A. A. Que português se fala em Moçambique. Uma análise sociolinguística da variedade em uso. **Vocábulo – Revista de Letras e Linguagens Midiáticas**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 1, p. 1-21, 2014. Disponível em: <https://sig.unilab.edu.br/sigaa/verProducao?idProducao=339659&key=059945035b2dda688761f93c91f83d98>. Acesso em: 31 maio 2024.